

Clássica e sua recepção, pela Música, pelas Artes cénicas, pela cultura, em geral.

NAIR CASTRO SOARES
Universidade de Coimbra
ncaastrosoares@gmail.com
http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_12

BEATO AMADEU, *Nova Apocalipse*, D. Lucas Dias introdução, tradução e notas; D. Lucas Dias, A. Espírito Santo, S. Tavares de Pinho ed. crítica e fixação do texto latino, Portugaliae Monumenta Neolatina Vol. XIV, Imprensa da universidade de Coimbra, ISBN 978-989-26-0715-3, 633 pp.

Beato Amadeu, nascido D. João Menezes da Silva numa das famílias nobres de maior prestígio no Portugal da dinastia de Avis, é porventura menos conhecido em Portugal e Espanha do que a sua irmã, Santa Beatriz da Silva, fundadora da Ordem da Imaculada Conceição em Toledo após uma curta passagem na corte espanhola enquanto dama de companhia de D. Isabel de Portugal, Rainha de Castela e Leão e mãe de Isabel a Católica, instituto religioso contemplativo desde 1489, com casas na Europa e na América, e que em Portugal tem especial culto em Campo Maior, terra do seu nascimento. Assim não acontece em Espanha e, sobretudo, em Itália, lugares em que Beato Amadeu desenvolveu uma vida de piedade e de contemplação religiosa depois de curtas passagens pela sedução mundana das cortes portuguesas e castelhana. Tal como a sua irmã, foi o carisma e a espiritualidade franciscanos que o seduziram, embora a fundação a que deu origem, a dos Franciscanos Amadeístas, ao contrário da instituição sua irmã, que perdura, tenha sido reunida na ordem dos frades menores observantes pelo Papa S. Pio V em 1568. O filho mais novo do Alcaide de Rio Maior D. Rui Menezes da Silva passou dez anos enquanto monge jeronimiano no mosteiro de Guadalupe antes de se tornar irmão secular franciscano em Úbeda em 1452, tendo sido ordenado em 1459. Gozando de grande popularidade entre o povo devido às suas capacidades taumatúrgicas, viveu em Assis, Génova, Perusia, Florença, Bréscia, Roma, até fixar residência no convento de S. Francisco de Milão. A sua popularidade e obra beneficiaram da sua amizade com a família Sforza de Milão e com o Papa Sisto IV, também ele franciscano, que o escolhe para seu confessor.

A *Apocalypsis Noua* – a Nova Revelação é o mais controverso dos textos de Beato Amadeu da Silva, controvérsia a que Lucas Dias dedica algumas páginas no seu estudo introdutório (2.4 “História de uma Deturpação”, pp. 30-33). Amadeu descreve oito episódios de “arrebatemento”, em que terá recebido, em diálogos sucessivos com o Arcanjo Gabriel, novas revelações (ou seja, são estes os *Apocalypseis*, em primeiro lugar porque se acede, por graça da Divindade, a um conhecimento revelado, e não porque haja assim tanta intertextualidade com o *Apocalipse* de S. João, que sem dúvida está presente mas não torna, de todo, a obra em mais um Comentário ao Apocalipse, dos muitos que a exegese bíblica produziu) que completam as contidas no AT e no NT. A figura central é o “Pastor que há-de vir”, num contexto em que se valoriza o segundo sentido do termo “Apocalipse”, ou seja, um prenúncio acerca do futuro. Estes oito arrebatamentos proporcionam a Amadeu o papel de “mediador” das últimas revelações que completam o Texto Sagrado que aqui parece curto para a espiritualidade de Amadeu da Silva. A génese, hierarquia e função dos anjos; o lugar da virgem Maria no plano da redenção do homem, a figura humana e divina de Cristo e a problemática aqui obsidiante da Encarnação, abordados numa perspetiva que transcende o texto bíblico canónico (Beato Amadeu recorre aos apócrifos com frequência) convertem este autor da espiritualidade franciscana num testemunho útil, rico e imprescindível para o estudo histórico da angelogia, mariologia e cristologia: do ponto de vista temático, o conteúdo da obra desdobra-se, num esquema de pergunta e de resposta dramatizadas, da criação e queda dos anjos até à Assunção de Nossa Senhora, com dois capítulos, sexto e sétimo, em que se desenvolve o tema da Eucaristia e da Santíssima Trindade.

O volume deixa patente a unidade da obra, pensada e composta segundo o pensamento místico do seu autor Beato Amadeu, que desenvolve e sustenta com solidez uma argumentação teológica nova, ora especulativa, ora piedosa, mas eminentemente culta, sobre a que se levantariam suspeitas de heterodoxia, fundamentadas, na nossa opinião: fica a curiosidade de perceber a ligação entre as considerações acerca da Trindade e do Espírito Santo e a mística de Joachim de Fiore, que nos parece poder estar patente). Nesse sentido, o dar à estampa a *Nova Apocalipse* de Beato Amadeu tem o mérito maior de trazer o texto autêntico do autor, sem excessivas mediações académicas por meio de comentários ou notas pesadas (que aqui são adequadamente poucas e simples, remetendo-se, na maior parte dos casos, à identificação das fontes da obra), num trabalho filológico sério feito

sobre a transmissão manuscrita, colação dos testemunhos e edição crítica da obra, a que se junta a útil e correta tradução. Torna-se, portanto, este volume sedutor para estudiosos de várias áreas científicas, historiadores, filósofos e filólogos que se debruçam sobre a paisagem espiritual da Europa nos finais da Idade Média.

A obra conta com o estudo introdutório de Domingos Lucas Dias, investigador que em 2004 defendeu na Universidade Aberta uma Tese de Doutoramento intitulada *Apocalypsis nova = nova apocalipse* orientada por Arnaldo Espírito Santo, trabalho de que não se faz menção na curta bibliografia que acompanha esta edição (p. 51). Da mesma lista bibliográfica estão ausentes as recentes contribuições de José Francisco Meirinhos, “Escotistas Portugueses do séc. XIV-XV” publicada em L.A. DE BONI et al. (org.), João Duns Scotus (1308-2008). *Homenagem dos scotistas lusófonos*, Ed. EST, Porto Alegre 2008, pp. 334-338, em que Beato Amadeu aparece como um seguidor de João Escoto; ou de José Adriano de Freitas Carvalho, “A Difusão da *Apocalypsis Noua* atribuída ao Beato Amadeu da Silva no contexto cultural português da primeira metade do séc. XVII”, *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*, 19, 2002, p. 5-40. Sem querermos ajuizar os efetivos contributos destas três publicações para o estado da arte acerca da obra de Beato Amadeu, parece-nos que este sólido volume aqui recenseado, dado o seu valor enquanto porta de acesso à obra do Místico Franciscano, ganharia na atualização bibliográfica enquanto informação que se deve prestar aos leitores. Igualmente parecem curtas as menções do autor, no estudo introdutório e nas referências bibliográficas, ao contexto histórico do desenvolvimento da espiritualidade franciscana na Europa em ambiente de Pré-reforma, ficando o leitor com a impressão de que a obra do Místico Português representa um episódio extravagante na história religiosa do fim da Idade Média, quando as questões levantadas pela meditação do Beato Amadeu da Silva se inserem dentro de um ambiente comum entre as manifestações espirituais da época, em particular dentro do movimento fundado pelo Pastor de Assis, entre o séc. XIII e o séc. XVI, a que Sisto IV e o movimento da contrarreforma porá fim. Essa mesma perspetiva da obra do Beato Amadeu inserida nas fórmulas de renovação da espiritualidade franciscana pode ser aclarada em obras como *A History of the Franciscan Order: From Its Origins to the Year 1517* de John Moorman, Franciscan Institute Publications, 1988 (volume que saiu primeiro na Oxford University Press em 1968), ou ainda no estudos do académico da Universidade da Pensilvânia David Burr (e.g. *The Spiritual Franciscans: From Protest to*

Persecution in the Century After Saint Francis, 2001). Uma última nota acerca de 2.6. Fontes, (p. 35). Na procura das fontes inspiradoras de Beato Amadeu, Domingos Dias refere o facto de o ms. N se encontra, como os outros aliás profusamente anotado, mas sendo provavelmente “uma cópia censurada de *Apocalypsis Noua*”, e vai registando os nomes das autoridades de quem repete o pensamento ou de quem diverge, sendo estes Escoto, Tomás de Aquino, Agostinho, Anselmo, Pedro Auréolo, Boaventura, e a tradição patrística anterior. Na verdade, mais do que se tratarem de Fontes, estes nomes anotados numa versão que aparece como uma cópia censurada, documentam a imersão de Beato Amadeu nas problemáticas filosóficas e teológicas do seu tempo, algo que foi percebido já pelos recetores e destinatários da obra do místico franciscano, que assim o colocam em diálogo com a sua realidade espiritual contemporânea. As anotações são testemunho da recepção da obra de Amadeu. Do mesmo modo, a referência de que no *V Raptus* se discute a heresia de Apolinário de Laodiceia (inícios do séc. IV), sugere-nos afirmar que será difícil e improvável esta relação tão longínqua, sobretudo quando as teses acerca da alma divina de Cristo, que desceu sobre o seu corpo humano se encontram também nas heterodoxias docetistas, adopcionistas e, em particular, neo-adopcionistas, de que João Escoto foi defensor. Também nos parece imprecisa a conclusão de que um dos objetivos da obra era a da “união das duas Igrejas, a ocidental e a oriental” (p. 39). Em que sentido isto pode ser afirmado? Em primeiro lugar, em vários pontos da composição Beato Amadeu dá sinais de uma assertiva vontade de instaurar uma pureza e uma verdade até então não esclarecida pelas limitações das anteriores revelações, o que é um modo de elevar as suas proposições, mas está longe de me parecer um discurso de quem procura consensos. Ordenação e aclaramento do conhecimento de um sistema teológico universal sim (daí os oito arrebatamentos, numa paráfrase dos dias da Criação), mas não à custa da unidade com as posições ortodoxas dominantes, de que se diverge. Em segundo lugar, as proposições de Beato Amadeu não nos parecem ferir os dogmas e a unidade com a Igreja Oriental, se entendermos que esta é a que resultou do Cisma do Oriente do séc. XI. Na verdade, como bem reconhece o A., as controvérsias assumidas em *Nova Apocalipse* retomam as questões difíceis discutidas entre os concílios ecuménicos de 325 de Niceia e o II de Constantinopla de 451, entre os quais conceitos como a natureza e identidade do Filho, sua relação com o Pai e entre Estes e o Espírito Santo, arrastando consigo em cadeia a discussão acerca da identidade da Maria (Mãe de Deus, Mãe de Cristo

ou Mãe de Jesus?), e que foram profusamente discutidos, dando origem a uma diversidade de heterodoxias cujos ecos se prolongaram na Igreja Romana, despertando algumas delas ciclicamente ao longo da Idade Média na Europa Latina (como o texto de Beato Amadeu demonstra) e durante a Reforma, mas que não estão na base da quebra da unidade entre a Igreja oriental e a Igreja católica romana, que, nos seus traços gerais, parecem convergir na ortodoxia. De certo modo, ortodoxa e católica (universal) é toda a Igreja até ao Cisma do Oriente no séc.XI...É este posicionamento fino do pensamento de Beato Amadeu face ao contexto religioso e espiritual seu contemporâneo claramente efervescente e revisitando as problemáticas fundamentais da doutrina cristã, que urge fazer, tarefa sem dúvida facilitada por este excelente instrumento de trabalho proporcionado pelos *Portugaliae Monumenta Neolatina* no seu volume XIV.

PAULA BARATA DIAS

Universidade de Coimbra

pabadias@hotmail.com

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_13

CHAPMAN'S HOMER. The Iliad. Edited, with Introduction and Glossary, by Allardyce Nicoll, With a New Preface by Garry Wills. Bollingen Series XLI. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1998.

New translations of the *Iliad* into English continue to be published with notable frequency. While there can be no doubt that a fresh rendering of the *Iliad* in its entirety into English is a formidable achievement, one cannot fail to wonder about the seemingly endless sequence of publications of new translations. The present edition, however, is of unquestionable merit: Chapman's translation of the *Iliad* into verse is considered by many to be the best one available to readers of English.

Chapman's translation was published initially in part in 1598, then in complete form as *The Iliad* in 1611. It was the first in English to be done in verse. The translation is well known, in part due to references, such as Keats's famous sonnet on his first reading of Chapman's translation, which did much to call attention to the qualities of this translation. See article in *Humanitas* 65 (2013) 251-262.

The latest edition before the current one, was published in hardcover in 1956, as part of Chapman's collected works. That edition was scarcely